

PERCEPÇÕES DE EGRESSOS DE ENFERMAGEM FRENTE A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Thayse Fernanda Colombo Cambiriba¹

Aline Ferreira Ferronato¹

Kátia Biagio Fontes²

CAMBIRIBA, T. F. C.; FERRONATO, A. F.; FONTES, K. B. Percepções de egressos de enfermagem frente a inserção no mercado de trabalho. *Arq. Ciênc. Saúde UNIPAR*, Umuarama, v. 18, n. 1, p. 27-32, jan./abr. 2014.

RESUMO: Estudo descritivo exploratório de abordagem qualitativa com o objetivo de identificar as dificuldades encontradas por egressos de enfermagem durante sua inserção de no mercado de trabalho e a percepção destes relacionada ao seu preparo para exercer suas funções como enfermeiro. O estudo foi realizado com 22 egressos de enfermagem de instituição e ensino superior com conclusão da graduação entre os anos de 2008 a 2012. Os dados foram coletados nos meses de julho e agosto de 2013 por meio de questionário semiestruturado, enviados via e-mail, conforme cadastro obtido em Coordenação do Curso de Enfermagem e/ou via redes sociais. Os resultados das questões fechadas foram analisados por meio de estatística descritiva e os depoimentos submetidos a análise de conteúdo de Bardin. Os resultados apontaram que a maioria dos egressos era do sexo feminino, com faixa etária entre 22 a 30 anos, católicos, solteiros, recém-formados, sem especialização e atuando como enfermeiros. Pode-se concluir que a falta de experiência foi apontada como fator de maior dificuldade para a inserção dos recém-graduados no mercado de trabalho, porém não um indicador de desemprego, pois a maioria dos egressos participantes desta pesquisa eram recém-formados e atuavam como enfermeiros. A análise dos dados apontou duas categorias temáticas provenientes dos depoimentos dos egressos: Dificuldades e potencialidades atreladas a formação acadêmica e Dificuldades e potencialidades atreladas a características individuais.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem; Bacharelado em enfermagem; Educação em enfermagem; Prática profissional.

PERCEPTIONS OF NURSING GRADUATES IN FACE OF THE INSERTION IN THE LABOR MARKET

ABSTRACT: An exploratory descriptive study with qualitative approach to identify the difficulties encountered during the insertion of nursing graduates in the labor market. The study was conducted with 22 nursing graduates who graduated from 2008 to 2012. Data were collected in July and August 2013 through a semi-structured electronic questionnaire, sent via e-mail, according to the records obtained at the Nursing Course Coordination and/or via social media. The results of the closed questions were analyzed using descriptive statistics, and the testimonials were analyzed through the Bardin content analysis. The results show that most of the graduates were female, aged between 22 to 30 years, catholic, single, recently graduated, non-skilled and acting as nurses. It can be concluded that the lack of experience is a relevant factor for the integration of new graduates into the labor market, but it is not an indicator of unemployment, because most of the participants in this study are recently graduated and are working as nurses.

KEYWORDS: Nursing; Nursing graduation; Nursing education; Professional practice.

Introdução

Formar profissionais aptos a responderem as demandas do mercado de trabalho tem sido o desafio de educadores (JESUS et al., 2013). Neste sentido, a graduação em enfermagem com base nas Diretrizes Curriculares e as exigências do mercado de trabalho vêm sofrendo mudanças ao longo dos anos, a fim de facilitar e capacitar o desenvolvimento do trabalho do enfermeiro frente às dificuldades encontradas no primeiro emprego (BARLEM et al., 2012).

Apesar dos esforços empreendidos, estudos anteriores evidenciaram que egressos de enfermagem não têm unicamente apontado dificuldades relacionadas ao primeiro emprego, às atuais exigências do mercado de trabalho, como a pouca oferta de empregos (PUSCHEL; INÁCIO; PUCCI, 2009; COLENCI; BERTI, 2012), a necessidade de experiência profissional anterior (PUSCHEL; INÁCIO; PUCCI, 2009; COLENCI; BERTI, 2012; JESUS et al., 2013; PASSOS et al., 2013) e a necessidade de pós-graduação (PUSCHEL; INÁCIO; PUCCI, 2009), mas também as relacionadas à adaptação ao mercado de trabalho. Neste sentido, enfermeiros têm mencionado deficiências relacionadas à sua graduação, onde a realidade do campo de trabalho não

condiz com a teoria aprendida na academia (CORBELLINI et al., 2010; SILVA et al., 2010; BARLEM et al., 2012) e a dificuldade nas relações com a equipe (SILVA et al., 2010; BARLEM et al., 2012; JESUS et al., 2013).

A formação não deve privilegiar apenas o ingresso do enfermeiro no mercado de trabalho, mas também sua adaptação. Assim, torna-se necessário que durante sua formação seja enfatizado o desenvolvimento de competências para a liderança, gestão de pessoas e relações interpessoais. Para isso, instituições de ensino devem investir em uma formação voltada para a realidade prática e numa educação que promova a construção de profissionais críticos, criativos, autônomos e com capacidade transformadora (JESUS et al., 2013). Deve também ser fundamentada em conhecimentos éticos, direcionados para a capacidade de identificar problemas, buscando alternativas para superá-los (BARLEM et al., 2012). Para Silva et al., (2010) enfermeiros recém formados enfrentam grandes desafios que exigem competência e habilidade técnica. Com este propósito, os autores sugerem que a formação destes profissionais necessita estar alicerçada em abordagens que valorizem não só a racionalidade, mas principalmente a subjetividade, pois é por meio da expressão desta nas relações cotidianas, que a enfermeira está envolvi-

DOI: <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v18i1.2014.5155>

¹Acadêmica de Enfermagem da Universidade Paranaense.

²Enfermeira, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Maringá. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Paranaense.

Endereço para correspondência: Kátia Biagio Fontes, Pça Mascarenhas de Moraes, 4282 - Zona III, E-mail: katia.bf@gmail.com, CEP: 87502-210, Telefone: (44) 3621-2828, Umuarama/ Pr.

da e para a qual não se sente preparada.

A escola tem a responsabilidade de preparar o enfermeiro para o desempenho competente no mercado de trabalho (PUSCHEL; INÁCIO; PUCCI, 2009), porém, a forma como o profissional irá encarar a situação, seja no primeiro emprego ou mudança de posição no trabalho, e as estratégias que irá selecionar para enfrentar a situação terão importantes repercussões. Pessoas que se sentem desafiadas ao invés de ameaçadas, possuem controle da situação e desenvolvem habilidades a fim de superar a situação estressante (SILVA et al., 2010).

Conhecer as dificuldades vivenciadas por egressos de enfermagem no mercado de trabalho é uma forma de analisar, compreender e refletir sobre questões relativas ao ensino superior, assim como os aspectos inerentes ao mercado de trabalho (COLENCI; BERTI, 2012). Todavia, observa-se a escassez de estudos acerca da percepção dos enfermeiros, quanto à sua formação e inserção no cenário de atuação profissional (JESUS et al., 2013), dessa forma, o objetivo do presente estudo foi identificar as dificuldades encontradas por egressos de enfermagem durante sua inserção no mercado de trabalho e a percepção destes relacionada ao seu preparo para exercer suas funções como enfermeiro.

Material e Método

Estudo descritivo exploratório de abordagem qualitativa, realizado com egressos de enfermagem de uma instituição de ensino superior privada do Paraná, que concluíram a graduação no período entre 2008 a 2012. O motivo do período escolhido foi em razão de que a primeira turma do curso de enfermagem em questão concluiu a graduação no ano de 2008.

Os dados foram coletados por meio de questionário semiestruturado construído especialmente para esta investigação, anexado e enviados via e-mail carta/convite aos egressos. Os e-mails dos egressos foram obtidos por meio de cadastro de e-mails dos egressos disponibilizados pela Coordenação do Curso de Enfermagem da instituição pesquisada. Aos e-mails que retornaram por estarem desatualizados, foram realizadas buscas dos egressos por meio das redes sociais, como Facebook e Orkut.

Como critério de inclusão, foram considerados todos os acadêmicos que receberam contato via e-mail ou via contato redes sociais. Foram excluídos do estudo todos os egressos que tiveram seu endereço eletrônico desatualizado evidenciado pelo retorno do e-mail carta/convite e posteriormente não foram encontrados nas redes sociais.

Foram utilizadas questões fechadas a fim de caracterizar a variáveis socioprofissionais da população investigada e identificar os fatores dificultadores da inserção desta no mercado de trabalho, e uma questão aberta a fim de verificar se os egressos sentiam-se preparados para o primeiro emprego: Ao final do Curso de Enfermagem você se sentia preparado para o primeiro emprego? Os dados foram coletados no período de julho a agosto de 2013.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a Resolução nº 466/2013 do Conselho Nacional de Saúde e aprovado sob Parecer nº 300.980/2013. A análise das questões fechadas foi realizada por meio de estatística descritiva no software Excel e os de-

poimentos foram submetidos à técnica de análise de conteúdo, seguindo as fases de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados o que possibilitou na construção de categorias temáticas (BARDIN, 2009).

Para garantir o anonimato, os sujeitos que responderam a pergunta foram separados em dois grupos, atuantes e não atuantes no mercado de trabalho, identificados pela letra AT de atuantes e NAT de não atuantes, seguidos pelo número correspondente à ordem de participação na pesquisa, ou seja, de AT1 a AT11 (atuantes) e NAT1 a NAT06 (não atuantes).

Resultados e Discussão

Dos 168 endereços de e-mails obtidos junto à coordenação do curso de enfermagem, depois de contatados, 42 mensagens retornaram por e-mail por não estarem mais ativos. Em seguida, foi realizada a busca dos inativos através das redes sociais, onde foram encontrados 12 egressos, resultando numa população de 138 egressos contatados via e-mail ou redes sociais.

Os participantes deste estudo foram compostos por 22 egressos, ou seja, dos 138 egressos contatados, 15,9% responderam o questionário via e-mail. Os egressos tinham em média 28 anos com desvio padrão de 5,6. A maioria era do sexo feminino, com faixa etária entre 22 a 30 anos, solteiros, recém-formados, sem especialização e atuavam como enfermeiros no setor público conforme observado na Tabela 1.

Tabela 1: Características sociodemográficas dos egressos participantes do estudo (n= 22).

	n	%
Sexo		
Masculino	05	22,7
Feminino	17	77,3
Faixa etária		
22 a 30 anos	16	72,7
31 a 40 anos	06	27,3
Religião		
Católico	14	63,6
Evangélico	7	31,8
Outros	1	4,5
Estado civil		
Solteiro	15	68,2
Casado	7	31,8
Ano de conclusão		
2008	1	4,5
2009	8	36,4
2010	1	4,5
2011	2	9,1
2012	10	45,5
Escolaridade		
Graduado	17	77,3
Especialista	4	18,2
Mestre	1	4,5

Tempo de conclusão		
4 anos	4	18,2
5 anos	18	81,8
Realizou algum curso de aprimoramento antes do primeiro emprego		
Sim	5	22,7
Não	13	59,1
Não respondeu	4	18,2
Iniciou atividades como enfermeiro		
Sim	13	59,1
Não	9	40,9

Dos 22 egressos participantes da pesquisa, 13 atuavam no mercado de trabalho, sendo que a maioria destes atuava na área de saúde coletiva (46,1%), no setor público (23,1%), e sob o regime de contrato por tempo determinado (61,5%). Com relação à forma como ingressaram no mercado de trabalho predominou a forma de processo seletivo (46,1%), a maioria (69,2%) declarou que não recebeu treinamento para exercer sua função, com tempo de permanência maior que 24 meses no primeiro emprego (Tabela 2).

Tabela 2: Características profissiográficas dos egressos de enfermagem participantes do estudo atuantes no mercado de trabalho (n= 13).

	n	%
Área de atuação		
Hospitalar	05	38,5
Saúde Coletiva	06	46,1
Outros	02	15,4
Setor		
Público	08	61,4
Privado	04	30,8
Outros	01	7,8
Regime		
Efetivo	05	38,5
Contratado	08	61,5
Como ingressou no primeiro emprego		
Indicação	03	23,1
Processo seletivo	06	46,1
Concurso público	03	23,1
Outros	01	7,7
Recebeu treinamento para exercer sua função no primeiro emprego		
Sim	04	30,8
Não	09	69,2
Tempo de permanência no primeiro emprego		
Até 06 meses	03	23,1
7 a 12 meses	03	23,1
13 a 18 meses	02	15,4
Mais de 24 meses	05	38,5

A maioria dos egressos participantes deste estudo iniciou suas atividades funcionais na área de saúde coletiva, contrariando o resultado de estudos anteriores onde predominou o ingresso no setor hospitalar (MEIRA; KURCGANT, 2009; PUSCHEL; INÁCIO; PUCCI, 2009; SILVA et al., 2010; PASSOS et al., 2013). Em contrapartida, estudos demonstram que a maior estabilidade está no setor público com predominância no Programa Saúde da Família (CARRIJO et al., 2007).

Dificuldades encontradas pelos egressos durante a inserção no mercado de trabalho

Dentre as dificuldades relatadas pelos egressos durante sua inserção no mercado de trabalho, as mais apontadas foram, “Falta de experiência” (21,3%), seguida por “Mercado de trabalho saturado” (13,1%) e “Falta de especialização” (11,5%).

Resultados de estudos anteriores também apresentaram a falta de experiência como elemento agravante da entrada do egresso no mercado de trabalho (PUSCHEL; INÁCIO; PUCCI, 2009; COLENCI; BERTI, 2012; JESUS et al., 2013). Para a grande maioria das instituições privadas de saúde, a experiência prévia trata-se de um fator de grande importância para a contratação de um profissional (JESUS et al., 2013). O mercado de trabalho dispõe de número considerável de profissionais, dando privilégio às empresas para escolherem os mais capacitados e com mais experiência na profissão (PUSCHEL; INÁCIO; PUCCI, 2009).

A segunda dificuldade mais apontada foi o mercado de trabalho saturado. Esta dificuldade também foi apresentada por egressos de enfermagem em estudos anteriores (PUSCHEL; INÁCIO; PUCCI, 2009; COLENCI; BERTI, 2012). Entre os anos de 2000 a 2007 houve um aumento de mais 300% de novos cursos superiores de enfermagem no Brasil, sendo que a maioria destes estão concentrados na região sul e sudeste do Brasil (63%) (BAPTISTA et al., 2010), justamente onde se encontra os egressos em questão. Nota-se que o mercado de trabalho saturado na região do presente estudo dificulta a oportunidade do primeiro emprego, haja vista que o município disponibiliza duas universidades que oferecem curso de enfermagem e poucas opções de trabalho.

A falta de especialização também foi apontada como fator dificultador para o ingresso no mercado de trabalho. Pode-se notar a falta de investimento dos egressos investigados na educação continuada, pois uma minoria já havia realizado cursos de aprimoramento ou de pós-graduação lato sensu e stricto sensu, corroborando com resultado anterior (PUSCHEL; INÁCIO; PUCCI, 2009). Este resultado interfere diretamente na “competição” por vagas em concursos públicos, pois, se verifica que a maior inserção de enfermeiros deste estudo no mercado de trabalho se deu por meio de processo seletivo, onde não é exigida como fator determinante para a contratação, a prova de títulos. Para Jesus et al., (2013) o profissional deve reconhecer a importância e a responsabilidade que tem perante a construção e o aprimoramento dos seus saberes e desta forma adotar a educação permanente como prática cotidiana de suas atividades.

Os participantes quando questionados: “Ao final do Curso de Enfermagem você se sentia preparado para o primeiro emprego?”, a maioria respondeu que parcialmente

(59,1%), seguido de sim (22,7%) e não (18,2%). As justificativas dos egressos que responderam à esta questão foram elencadas em 2 categorias temáticas apresentadas a seguir.

Dificuldades e potencialidades atreladas a formação acadêmica

Nesta categoria os egressos destacaram as experiências positivas e negativas advindas da graduação que contribuíram para o sentimento de preparo ou não para o mercado de trabalho.

Dois egressos atuantes no mercado de trabalho citaram a boa formação na graduação e o fato de ser um aluno interessado como fatores colaboradores no preparo para o mercado de trabalho.

Sim. Pois com o conhecimento que recebi durante o período, no meu caso foi ótimo (AT8).

Sim. [...] tive uma boa base na faculdade como bons professores uma ótima estrutura oferecida pela mesma e também fui um aluno interessado (AT9).

Resultados de estudos anteriores apresentaram resultado semelhante ao demonstrar que egressos apontaram a formação recebida no curso de graduação como fator facilitador para a inserção no mercado de trabalho (PUSCHEL; INÁCIO; PUCCI, 2009; PASSOS et al., 2013). Porém, um dos entrevistados citou o despreparo de alguns supervisores de estágio.

Não. [...] alguns instrutores despreparados (AT11).

É fundamental que o supervisor clínico tenha experiência profissional a fim de que possa ajudar os estudantes a conhecer a realidade da enfermagem e a desenvolver o processo de cuidar (Simões; Garrido, 2007). A existência de docentes afastados da assistência ou sem a suficiente experiência profissional também tem sido apresentada como fonte de fragilidade no processo de formação. Professores que atuam, simultaneamente, na assistência e docência, demonstram de forma mais real e concreta, o que a prática assistencial irá exigir do futuro profissional e as principais atribuições a serem desenvolvidas (BARLEM et al., 2012.).

Além da experiência profissional, a introdução de enfermeiros em programas de pós-graduação *stricto sensu* tem se apresentado como papel de destaque ao preparar profissionais não somente para a área acadêmica e da pesquisa, mas também para a atividade assistencial, como evidenciado na opinião de egressos de um curso de mestrado do sul do Brasil (RAMOS et al., 2010). A fim de atender as exigências para melhoria da qualidade no ensino, foi preconizado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que um terço dos professores no ensino superior deve ser mestre ou doutor e trabalhar em regime de tempo integral (BAPTISTA et al., 2010). Contudo, estas medidas não são cumpridas pela grande maioria das instituições particulares, onde não existem programas de qualificação docente, nem o estabelecimento de quadro de carreira (BAPTISTA et al., 2010).

A participação em estágio extracurricular também foi assinalada como fator colaborador como evidenciado

pela fala do entrevistado:

Sim. Porque realizei vários estágios voluntários e remunerados em ambas as partes, quanto na área hospitalar, permanecendo por dois anos no Hospital [...]. Dois anos e meio na UBS [...] e dois meses no Pronto Socorro [...] atuando em todas as áreas (AT3).

Em estudo anterior egressos de enfermagem apontaram não ter realizado estágios extracurriculares como deficiência relacionada à sua formação (PUSCHEL; INÁCIO; PUCCI, 2009). O estágio extracurricular é uma atividade pedagógica capaz de proporcionar maiores habilidades no desempenho profissional, pois aproxima o aluno da realidade profissional, ao contrário do estágio curricular, em que o aluno de modo artificial convive de forma mediada pelo professor com a realidade do campo de estágio, não se relacionando com a equipe multiprofissional (OLIVEIRA et al., 2009). A realização de estágios extracurriculares em diferentes instituições auxilia na formação técnica e faz o aluno vivenciar diferentes realidades profissionais, deixando-o mais preparado para o exercício da profissão (MATTOSINHO et al., 2010).

Todavia egressos também mencionaram lacunas relacionadas à formação durante a graduação.

Parcialmente. Os estágios oferecerem somente o básico em pouco tempo, isso deixa a desejar a entrar confiante no mercado de trabalho (NAT1).

Parcialmente. Muita coisa é vista superficialmente na graduação por falta de tempo mesmo, o curso tem uma carga horária a ser cumprida [...] (NAT3).

Parcialmente. Pouco tempo de prática fornecido pela instituição de ensino. Pouca prática. (NAT4).

Parcialmente. Embora tenha recebido conhecimento teórico durante a graduação, a parte prática precisava ser melhorada (AT4).

Parcialmente. Embora tenha tido uma boa base teórica, a prática específica de um enfermeiro deixava a desejar [...] (AT10).

Não. Falta de aulas práticas em devidos momentos do curso [...] (AT11).

A falta de habilidade para o desenvolvimento de alguns procedimentos é tomada como falta de competência e preparo para a prática profissional (SILVA et al., 2010). Estudo desenvolvido por Corbelini et al., (2010) e Barlem et al., (2012) corrobora com este resultado ao evidenciar que enfermeiros apontaram a inabilidade técnica como uma fragilidade vivenciada. Para Barlem et al., (2012) há uma supervalorização da dimensão técnica por enfermeiros recém-formados, porém, os autores destacam que a destreza manual pode ser desenvolvida com o cotidiano de trabalho.

Enfermeiros recém-formados pesquisados destacaram a importância do interesse pessoal do estudante a fim de suprir possíveis lacunas existentes no ensino, seja por meio da vivência extracurricular, de leituras e da participação em projetos de pesquisa e extensão. Por meio dessas estratégias, os entrevistados afirmaram ser possível desenvolver competências, vislumbrando, de forma mais integral e participativa, a realidade profissional repleta de conflitos e contradições não abordados satisfatoriamente nas aulas teóricas, ou mesmo nas aulas práticas (BARLEM et al., 2012).

Neste sentido a educação continuada torna-se uma estratégia utilizada na busca por conhecimento como verificada por meio dos depoimentos a seguir:

Parcialmente. [...] daí que vai da nossa vontade de aprender e continuar estudando para nos aperfeiçoarmos sempre mais, mesmo após o término da graduação, buscando assim, o bem estar dos nossos clientes/pacientes, bem como, da equipe de enfermagem à nossa disposição (NAT3)

Parcialmente. No momento estou fazendo uma especialização (pós-graduação). (NAT6)

Parcialmente. [...] eu não tinha todo o conhecimento que sabia que devia ter, mas tinha força de vontade de correr atrás disso (AT2).

A graduação de enfermagem cumpre seu papel relacionado à formação profissional, porém, é a busca pelo conhecimento por meio de especializações, capacitações, entre outros, que vai fazer a diferença na inserção do enfermeiro no mercado de trabalho (COLENCI; BERTI, 2012). O profissional deve reconhecer a importância e a responsabilidade que tem perante a construção e o aprimoramento dos seus saberes e a partir disto adotar a educação permanente como prática cotidiana das suas atividades, assumindo uma postura crítica e reflexiva que o leva a buscar as respostas para os seus questionamentos (JESUS et al., 2013).

Dificuldades e potencialidades atreladas a características individuais

A seguir os depoimentos discorreram sobre as características individuais positivas e negativas que contribuíram para o sentimento de preparo ou não para o mercado de trabalho.

Dentre as deficiências relacionadas ao preparo para o mercado de trabalho um dos depoentes citou a falta de maturidade durante a graduação:

Parcialmente. Enquanto acadêmicos, muitos de nós, não sabemos de fato o que é a profissão, estudamos para as provas, mas não entendemos que devemos estudar de fato a aprender, para nossa vida profissional, para termos confiança nas atividades que vamos desenvolver enquanto profissionais (NAT3).

Nota-se neste estudo que a maioria dos egressos atuava no setor público na área de saúde coletiva. Egressos de enfermagem de outro estudo, também apontaram que a falta de maturidade nos semestres iniciais do curso de enfermagem quando são abordados os conteúdos relacionados ao Sistema Único de Saúde, dificulta a compreensão na aplicabilidade dos mesmos (SILVA et al., 2010). Silva et al., (2012) constataram em seu estudo que muitos alunos recém-egressos do ensino médio, ingressam nos cursos de enfermagem sem inserção prévia no mercado de trabalho na área da saúde, geralmente sem o devido conhecimento da profissão e sem maturidade para cursar o ensino superior, o que compromete a formação. Para o autor, soma-se a isso, o incentivo a expansão de cursos superiores no Brasil, o maior acesso da população ao ensino superior favorecido por programas do Ministério da Educação, e a abertura de instituições próximas às periferias de grandes cidades, que favorece a introdução de

alunos despreparados, motivados pela facilidade de acesso e pela perspectiva de melhores condições de vida.

A mudança da academia para o campo de trabalho, o enfrentamento do desconhecido pode gerar momentos de insegurança pessoal (MATTOSINHO e tal., 2010), sendo o medo e a insegurança mencionada tanto por egressos atuantes e não atuantes como uma fragilidade vivenciada pelos egressos conforme os depoimentos a seguir:

Não. [...] não terminamos a faculdade sabendo tudo sobre a área, é natural nós sentirmos medo e insegurança (NAT2).

Parcialmente. Ainda sinto medo por não estar totalmente preparada para entrar no mercado de trabalho na área de enfermagem (NAT5).

Parcialmente. Acho que sempre fica uma certa insegurança, mas devemos enfrentar e precisamos correr atrás, porque não está fácil encontrar emprego (NAT6).

Parcialmente. Ao terminar a graduação não temos certeza do que sabemos na verdade, insegurança e medo de errar fazem com que não nos sentimos preparados para o mercado de trabalho (AT5).

Não. Insegurança [AT6].

Sim. Bom, principalmente no primeiro emprego gera sim um certo medo mas isso tirei de letra [...] (AT9).

A insegurança parece ser um sentimento comum vivenciado por enfermeiros recém-formados, pois também foi assinalada por estes em estudos anteriores, seja no desenvolvimento das atividades técnicas (SILVA et al., 2010; SOUZA; PAIANO, 2011; BARLEM et al., 2012), no exercício da liderança (VILELA; SOUZA, 2010) ou da função gerencial (SOUZA; PAIANO, 2011). A falta de habilidade no relacionamento pessoal tem sido apresentada como uma das maiores fragilidades no exercício profissional (BARLEM et al., 2012). Este fato fica evidenciado na fala a seguir:

Parcialmente. Na teoria tudo funciona muito bem, mas quando nos deparamos com a prática a realidade muitas vezes é outra, temos que estar preparados para sermos testados e realizar bem nosso papel e nossas funções. E isso nos proporciona um certo receio até conseguir a empatia e o respeito de todos da equipe (AT1).

Ao adentrar a realidade do mundo profissional o recém-formado não conta mais com a presença de um professor como suporte, é um momento onde ele se depara com o enfrentamento da realidade. Este sentimento de insegurança gera a necessidade de aprender, de ser apoiado, aceito e respeitado pela equipe. Ser aceito e acolhido pela equipe de trabalho é um passo importante para o bom funcionamento do serviço, bem como para a satisfação profissional (MATTOSINHO et al., 2010).

Conclusão

Pode-se concluir que dentre as dificuldades apontadas pelos entrevistados durante sua inserção no mercado de trabalho destacaram-se a falta de experiência, o mercado de trabalho saturado e a falta de especialização.

A maioria dos entrevistados sentia-se parcialmente preparado para o primeiro emprego. Em relação às justificativas apontadas pelos acadêmicos percebeu-se que estas

estavam atreladas à formação profissional e as características pessoais. A participação em estágios extracurriculares, o preparo dos docentes e a estrutura física da universidade foram citados como fatores promotores e a insuficiência de aulas práticas e estágios como agravantes. Entre os fatores relacionados às características individuais citados pelos egressos, destacaram-se a imaturidade dos mesmos durante a graduação, o medo e a insegurança em desenvolver as atividades.

Uma das limitações vivenciadas para o desenvolvimento deste estudo foi o pequeno número de egressos participantes. Por se tratar de um estudo com coleta de dados via e-mail, sugere-se que nos posteriores estudos, se disponibilize de maior período para a coleta de dados a fim de que haja maior participação por parte da população pesquisada.

Referências

BARLEM, J. G. T. et al. Fragilidades, fortalezas e desafios na formação do enfermeiro. **Esc. Anna Nery**, v. 16, n. 2, p. 347-353, 2012.

BAPTISTA, S. S. et al. Nexos entre o contexto histórico e a expansão do número de cursos superiores de Enfermagem nas regiões Sudeste e Sul do Brasil. **Rev. Enf. Ref.** v. 3, n. 1, p. 73-80, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009. 281p.

CARRIJO, C. I. S. et al. A empregabilidade de egressos de um curso de graduação em enfermagem. **Rev. enferm. UERJ**, v.15, n. 3, p. 356-363, 2007.

COLENCI, R.; BERTI, H. W. Formação profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções dos egressos de graduação em enfermagem. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 46, n.1, 2012.

CORBELLINI, V. L. et al. Nexos e desafios na formação profissional do enfermeiro. **Rev. bras. enferm.** v. 63, n. 4, p. 555-560, 2010.

JESUS, B. H. de et al. Inserção no mercado de trabalho: trajetória de egressos de um curso de graduação em enfermagem. **Esc. Anna Nery**, v.17, n. 2, p. 336-345, 2013.

MATTOSINHO, M. M. S. Mundo do trabalho: alguns aspectos vivenciados pelos profissionais recém- formados em enfermagem. **Acta Paul Enferm**, v. 23, n. 4, p. 466-471, 2010.

MEIRA, M. D. D.; KURCGANT, P. O ensino de administração na graduação: percepção de enfermeiros egressos. **Texto & contexto enferm.** v. 18, n. 4, p. 670-679, 2009.

OLIVEIRA, J. S. A. . et al. O estágio extracurricular remunerado no cuidar da enfermagem nos hospitais de ensino. **Rev Gaúcha Enferm.** v. 30, n. 2, p. 311-318, 2009.

PASSOS, S. L. dos et al. O egresso de enfermagem de uma

universidade privada e sua inserção no mercado de trabalho. **R. saúd. corp. ambi. e cuid.** v.1, n. 1, p. 177-191, 2013.

PÜSCHEL, V. A. de A.; INÁCIO, M. P.; PUCCI, P. P. A. Inserção dos egressos da Escola de Enfermagem da USP no mercado de trabalho: facilidades e dificuldades. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 43, n. 3, 2009.

RAMOS, F. R. S. et al. Formação de mestres em enfermagem na Universidade Federal de Santa Catarina: contribuições sob a ótica de egressos. **Rev. bras. enferm.** v. 63, n. 3, p. 359-365, 2010.

SILVA, D. G. V. et al. Os desafios enfrentados pelos iniciantes na prática de enfermagem. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 44, n. 2, p. 511-516, 2010.

SILVA, K. L. et al. Desafios da formação do enfermeiro no contexto da expansão do ensino superior. **Esc. Anna Nery**, v.16, n. 2, p. 380 -387, 2012.

SIMÕES, J. F. F. L.; GARRIDO, A. F. S. Finalidade das estratégias de supervisão utilizadas em ensino clínico de enfermagem. **Texto Contexto Enferm.** v.16, n. 4, p. 599-608, 2007.

SOUZA, F. A.; PAIANO, M. Desafios e dificuldades enfrentadas pelos profissionais de enfermagem em início de carreira. **Reme, Rev. Min. Enferm.** v.15, n.12, p. 267-273, 2011.

VILELA, P. F.; SOUZA, A. C. Liderança: um desafio para o enfermeiro recém-formado. **Rev. enferm. UERJ**, v. 18, n. 4, p. 91-97, 2010.